

Os meus colegas bebem álcool? Consumo de álcool e percepção do consumo em adolescentes - estudo realizado com estudantes do 3º ciclo de escolas públicas de Coimbra.

Teresa Barroso¹, Aida Cruz Mendes² & António Barbosa³

Os estudos internacionais têm consistentemente mostrado que os jovens sobrestimam o consumo de álcool dos pares, e que esta percepção errada é preditiva do consumo individual. Este estudo foi desenvolvido com o objectivo de caracterizar o consumo de álcool e a percepção do consumo, em adolescentes do 3º ciclo de duas escolas públicas da cidade de Coimbra, para o refinamento de um programa de prevenção de uso/abuso de álcool. A amostra incluiu 654 adolescentes (51.5% sexo feminino). Os resultados mostraram uma clara sobrestimação na percepção do consumo habitual pelos pares. Os adolescentes mais velhos, com experiência de consumo e/ou de embriaguez foram os que manifestaram tendência para apresentarem percepção elevada do consumo, não se verificando diferenças entre o género. Estes resultados consolidam a importância de integrar a correcção das percepções acerca do consumo habitual dos pares nos programas de prevenção de uso/abuso de álcool.

PALAVRAS-CHAVE: adolescentes; álcool; percepção do consumo dos pares.

1 - Introdução

Os estudos epidemiológicos realizados nas últimas décadas demonstram que embora o consumo de álcool tenha vindo a diminuir na população em geral, nos adolescentes e jovens tem-se registado um aumento dos consumos de risco (WHO, 2002, 2004; Anderson & Baumberg 2006). Os dados do estudo Europeu Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) e do European School Survey on Alcohol

1 Mestre em Toxicodependências e Patologias Psicossociais; Professora Adjunta na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (Coimbra, Portugal), Unidade de investigação em Ciências da Saúde – e-mail: tbarroso@esenfc.pt

2 Doutora em Psicologia da Educação; Professora Coordenadora na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (Coimbra, Portugal).

3 Doutor em Psiquiatria; Professor Doutor na Universidade de Medicina de Lisboa (Lisboa, Portugal).

and Other Drugs (ESPAD), mostram que o consumo de álcool tem o seu início em idades precoces, por volta dos 12 anos de idade; que os episódios de embriaguez ocorrem por volta dos 14 anos; que o consumo de álcool aumenta com a idade; e que a feminização do consumo de álcool começa a ser uma tendência. Mostram, ainda, novos padrões de consumo, nomeadamente o aumento do consumo episódico e excessivo de álcool e da embriaguez e a tendência para a supremacia das bebidas destiladas em detrimento de outras bebidas que recentemente haviam adquirido grande popularidade, como a cerveja (Matos *et al.*, 2003; ESPAD, 2003; Anderson & Baumberg 2006).

Estas tendências são extremamente preocupantes, pelas consequências imediatas e futuras relacionadas com o consumo de um produto de efeitos nocivos num importante período de transição, marcado por complexas transformações biológicas, físicas, comportamentais e sociais. Também, é sabido que, o sistema biológico do jovem não está suficientemente maduro para proceder à degradação do álcool, pelo que o seu consumo lhe provoca danos cerebrais e défices neurocognitivos com implicações para a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual (Zeigler *et al.*, 2005) e a evidência científica, sugere que o início precoce de consumo de álcool está associado a futuros comportamentos-problema na adolescência, incluindo violência relacionada com o álcool, acidentes, condução sob o efeito de álcool, absentismo na escola e no trabalho e aumento do risco para o uso de outras drogas e posterior abuso de álcool (Gurber *et al.*, 1996, Grant *et al.*, 1997; Komro & Toomey, 2002). Assim, é de crucial relevância contrariar esta tendência através de intervenções visando a promoção da saúde, em particular, a prevenção do uso/abuso de álcool.

Os programas de prevenção do uso de substâncias, nas últimas décadas, têm sido desenvolvidos com base no Modelo de Influência Social, integrando o desenvolvimento de competências pessoais e sociais (Botvin, 2000; Barkin *et al.*, 2002) e utilizando um ou mais dos seguintes componentes: 1) a aquisição de conhecimentos acerca das substâncias e suas consequências; 2) a resistência à pressão social; 3) o treino de competências pessoais e sociais; 4) a correcção das percepções erróneas acerca do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares; 5) a construção de atitudes e expectativas seguras acerca das substâncias (Barroso *et al.*, 2006).

Nos últimos anos, vários investigadores têm estudado a aplicação da abordagem baseada nas normas sociais na prevenção dos comportamentos de risco e de promoção de saúde. Esta abordagem, questiona nomeadamente quanto ao consumo de álcool, quais são os comportamentos sociais que ocorrem entre os jovens e compara esses comportamentos reais com a percepção que os jovens têm acerca da ocorrência desses comportamentos entre os pares, oferecendo, como refere Perkins (2003), um modelo teórico que prevê o comportamento baseado

na percepção actual das “normas”. A percepção das “normas” relativamente ao consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares, isto é as práticas habituais, inclui não só a ideia que o jovem construiu acerca do consumo dos outros jovens da sua idade, como informações relativas ao que os outros consideram ser o consumo aceitável (DuRant *et al.*, 1997; Walters & Neighbors, 2005).

De acordo com a teoria das normas sociais, as percepções erróneas acerca do consumo habitual resultam da combinação de factores psicológicos, sociais e culturais (Perkins, 1991, 1997 *cit in* Perkins, 2003), levando o indivíduo a expressar ou inibir determinado comportamento como forma de se conformar à “norma” podendo agir de forma inconsistente com os seus valores no sentido da conformidade percebida (Miller & McFarland, 1991 *cit in* Perkins, 2003).

Consistentes com esta linha conceptual, as evidências sugerem que a percepção do consumo habitual de álcool, em particular entre os adolescentes e jovens, desempenha um papel crucial nos seus comportamentos individuais (Hansen & Graham, 1991). Vários estudos internacionais têm mostrado que os jovens sobrestimam o consumo entre os pares quer em frequência quer em quantidade (Perkins *et al.*, 1999; Perkins *et al.*, 2003; Perkins *et al.*, 2007) e que, esta percepção errónea acerca do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares, é preditiva do consumo de álcool nos jovens (Cardenal & Adell, 2000; Vicary & Karshin, 2002; Perkins *et al.*, 2003).

A sobrestimação da percepção do consumo, reflecte-se também na percepção errónea da quantidade de bebidas alcoólicas consumidas por ocasião de consumo e na percepção acerca da ocorrência de embriaguez. Nesta fase da vida, onde a maioria dos adolescentes procura explorar novas regras, atitudes e comportamentos e em que a ligação aos pares constitui um vínculo privilegiado na construção da sua autonomia, a aprovação dos pares é sentida como imprescindível, redireccionado novos comportamentos. Para Perkins (2003), todos os indivíduos com percepções erróneas (de sobrestimação) acerca do consumo habitual dos outros, contribuem para um ambiente propício a que o comportamento percebido como normativo ocorra, independentemente de se envolverem ou não nesses comportamentos, sublinhando que os diferentes efeitos que as percepções erróneas podem produzir, dependem das características individuais, da fase de desenvolvimento e do meio envolvente.

Este componente - percepção acerca do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares - tem sido considerado um dos elementos cognitivos mais importantes e susceptível de ser alterado pelos programas de prevenção (Hansen, 1992; Hansen & Graham, 1991; Taylor, 2000; Cuijpers *et al.*, 2002). No entanto, a integração deste componente nos programas de prevenção de uso/abuso de álcool, impõe o provimento de feedback, utilizando os resultados acerca do consumo real dos adolescentes e jovens, obtidos em estudos actuais e representativos, com intuito

de alterar a percepção de que este consumo é habitual e generalizado entre todos os adolescentes (Paglia & Room, 1999), proporcionando, como sublinha Perkins (2003), não só a expressão de comportamentos consistentes com as normas reais, como a inibição de comportamentos-problema que são inconsistentes com essas normas.

Num estudo recente de revisão sistemática acerca dos programas interventivos que integram a componente da educação para as “normas”, os autores concluem que o feedback (via e-mail, internet ou face-a-face) é efectivo na mudança das percepções acerca do consumo, podendo ser mais efectivo entre os jovens que bebem por razões sociais (Walters & Neighbors, 2005).

Apesar disso, a grande maioria dos estudos identificados que integram este componente para a prevenção de uso/abuso de álcool são dirigidos apenas a estudantes universitários, sendo poucos os estudos com estudantes do 3º ciclo ou do secundário. A reforçar esta ideia, Perkins (2003) acentua a necessidade de estender este tipo de estudos àqueles graus de ensino, integrando por um lado, estudos de caracterização do consumo e da percepção do consumo, e por outro, se for caso disso, a correcção das percepções erróneas acerca do consumo pelos pares através da integração deste componente nos programas de prevenção.

Tendo em conta que os programas de prevenção, devem ser baseados na evidência científica e aferidos para o contexto a que se destinam, foi desenvolvido este estudo com o objectivo de caracterizar o consumo de álcool dos estudantes do 3º ciclo de duas escolas públicas da cidade de Coimbra e a percepção que estes têm acerca da ocorrência desses comportamentos nos pares, com vista ao refinamento do programa de prevenção de uso/abuso de álcool que foi integrado no currículo escolar, na Área Projecto de estudantes do 3º ciclo.

2 - Metodologia

O estudo desenvolvido é do tipo quantitativo descritivo-correlacional, com as seguintes questões de investigação:

Quais as características do consumo álcool e qual a percepção do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares (frequência, quantidade consumida e ocorrência de embriaguez) dos estudantes do 7º, 8º e 9º anos de escolas públicas da cidade de Coimbra?

A percepção do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares está relacionada com o género; grupo etário; consumo de álcool e ocorrência de embriaguez dos estudantes do 7º, 8º e 9º ano de escolas públicas da cidade de Coimbra?

2.1 - Instrumentos

O instrumento de recolha de dados integrou um conjunto de questões sócio-demográficas, de caracterização do consumo de álcool e da percepção do consumo habitual (frequência, quantidade e ocorrência de embriaguez).

2.2 – Participantes

A amostra incluiu os estudantes do 7º, 8º e 9º anos de escolaridade de duas escolas públicas do 2º e 3º ciclos da cidade de Coimbra, no total de 654 sujeitos, de ambos os sexos (317 do sexo masculino (48.5%) e 337 do sexo feminino (51.5%)) com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos (Média = 13.55; DP = 1.13).

Relativamente à caracterização escolar, 37% frequentavam o 7º ano; 33.8% frequentavam o 8º ano; e 29.2% o 9º ano; 19.6% referiram retenção escolar; 55.4% classificaram o seu desempenho escolar como elevado; 35% como médio e 9.6% como baixo.

2.3 - Procedimentos

Foram cumpridos os pressupostos formais e éticos relativos à recolha de dados, nomeadamente, autorização formal das instituições envolvidas e dos encarregados de educação, explicitação dos objectivos do estudo e assegurado o anonimato e confidencialidade dos dados.

O questionário foi aplicado no período de Março a Abril de 2006, em sala de aula a todos os estudantes cujos encarregados de educação deram autorização expressa.

3 - Resultados

Caracterização dos consumos

A maioria dos adolescentes já consumiu bebidas alcoólicas (65.1%), não se registando diferenças significativas entre os rapazes e as raparigas (Qui-quadrado = 1.13; $p=.287$). Em relação ao padrão de consumo, verificou-se que: 5% referiram consumo regular (pelo menos uma vez por mês) de cerveja; 4.6 % consumo regular de bebidas destiladas; e 0.8% consumo regular de vinho; 30.6 % referiram consumo ocasional (de vez em quando ou raramente) de cerveja; 47.7 % consumo ocasional de bebidas destiladas; e 17.4 % consumo ocasional de vinho;

64,4% nunca beberam cerveja, 47,7% nunca beberam bebidas destiladas, 81,8% nunca beberam vinho.

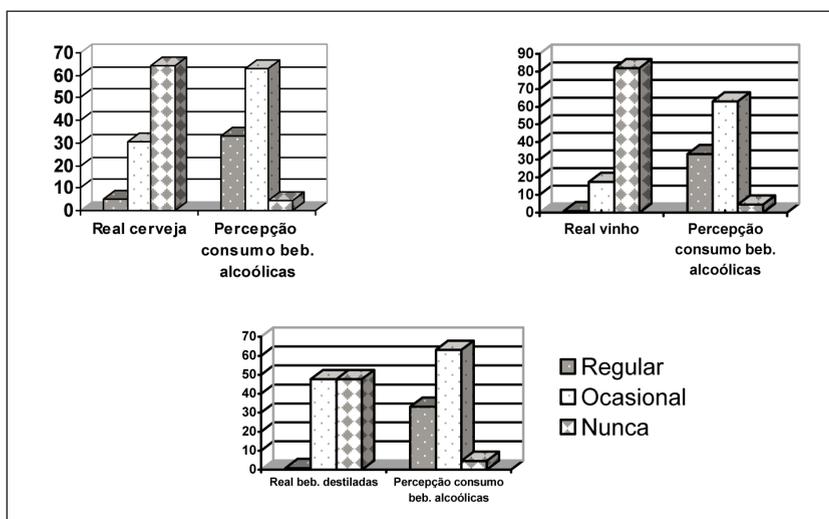
Tomando como referência os adolescentes que já consumiram bebidas alcoólicas, relativamente à quantidade consumida, verificou-se que: 81,6% referiram beber um ou dois copos de bebida nas ocasiões de consumo; e 18,4% referiram beber 3 ou mais copos. Relativamente à ocorrência de embriaguez, 18,8% referiram a sua ocorrência.

Relativamente à circunstância do primeiro consumo, para a maioria dos adolescentes, ocorreu numa ocasião festiva (73,2%) e em contexto familiar (70,9%).

Percepção do consumo habitual

Em relação à percepção do consumo, verificou-se que, 32,3% acreditam que os adolescentes da sua idade apresentam um consumo regular (pelo menos uma vez por mês); 63,1% acreditam que os pares apresentam um consumo ocasional (bebem de vez em quando ou raramente bebem); e 4,6% consideram que os pares não consomem bebidas alcoólicas.

Na análise dos gráficos seguintes, referentes à discrepância entre o consumo real das diferentes bebidas alcoólicas e a percepção do consumo, verifica-se uma clara sobrestimação da percepção do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares em comparação com a frequência do consumo real para todas as bebidas alcoólicas (cerveja, vinho e bebidas destiladas).



Gráficos 1: Comparação entre o consumo real das diferentes bebidas alcoólicas (cerveja, vinho e bebidas destiladas) e a percepção do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares

Relativamente à ocorrência de episódios de embriaguez, verificou-se que 18.8% dos adolescentes que já beberam, referem esta ocorrência, em contrapartida, 77.5% dos adolescentes acreditam que os pares já se embriagaram. Regista-se uma clara sobrestimação da percepção da ocorrência de embriaguez em comparação com os dados reais observados na amostra em estudo, para a mesma variável (Gráfico 2).

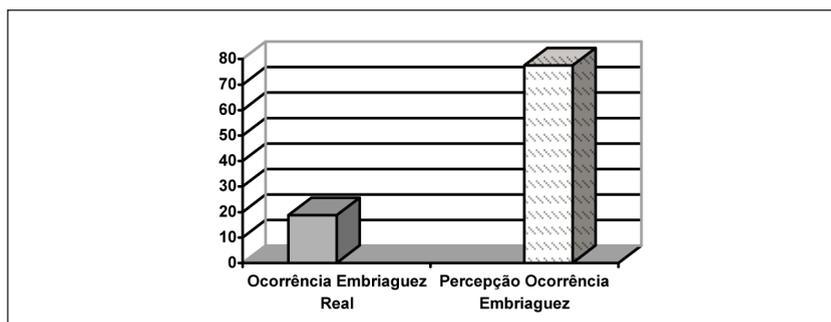


Gráfico 2: Comparação entre a ocorrência de embriaguez real e a percepção da ocorrência de embriaguez nos pares

Em relação ao número de copos de bebida por ocasião de consumo, dos adolescentes que referem beber, 18.4% referem beber 3 ou mais copos de bebida por ocasião de consumo. Porém, na análise da percepção do número de copos de bebida por ocasião de consumo dos pares, 44% consideram que os pares consomem três ou mais copos de bebida nas ocasiões em que bebem. Pela análise do Gráfico 3, observa-se a sobrestimação do número de copos de bebida consumidos pelos pares por ocasião de consumo, em comparação com os dados reais na amostra em estudo.

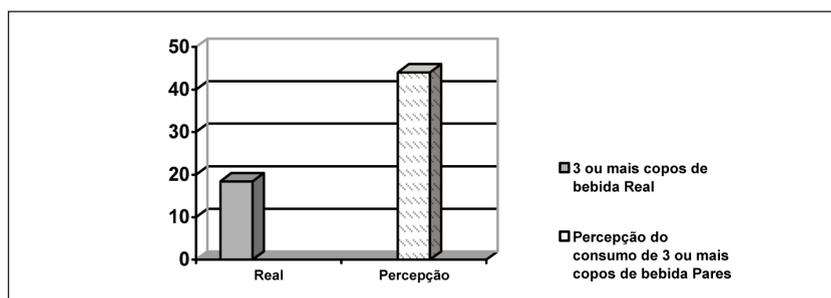


Gráfico 3: Comparação entre o número real de copos de bebida consumidos por ocasião de consumo e a percepção do número de copos de bebida por ocasião do consumo dos pares

Para análise da influência da percepção do consumo habitual nas variáveis em estudo, operacionalizou-se esta variável em dois níveis: *nível elevado de percepção*

do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares – *Percepção Elevada*, que inclui a percepção de que os pares consomem todos os dias, todos as semanas e todos os meses; e *nível baixo de percepção do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares – Percepção Baixa*; que inclui a percepção de que os pares consomem ocasionalmente, raramente ou nunca consomem. Apresenta-se de seguida, um quadro resumo (Quadro 1) do estudo comparativo de acordo com as características dos sujeitos.

Género

Quando comparadas as variáveis percepção de consumo e género, o teste de diferença de proporções (χ^2) não revelou resultados estatisticamente significativos ($\chi^2_{(g=1)} = .78$; $p = .377$), o que denota a independência e homogeneidade dos grupos.

Grupo etário

Relativamente às variáveis percepção do consumo habitual e grupo etário, o teste de diferença de proporções (χ^2) revelou uma relação estatisticamente significativa ($\chi^2_{(g=1)} = 38.74$; $p = .000$). Recorreram-se ao resíduos ajustados para situar as diferenças e nesse sentido, mesmo que tenhamos apresentado as percentagens por coluna, os resíduos revelam que os indivíduos mais novos têm uma *percepção baixa* do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares, enquanto que os indivíduos mais velhos apresentam uma *percepção elevada*.

Experiência de consumo

No que diz respeito às variáveis percepção do consumo e o consumo de álcool, o teste de diferença de proporções (χ^2) revelou uma relação estatisticamente significativa ($\chi^2_{(g=1)} = 41.18$; $p = .000$). Recorreram-se aos resíduos ajustados para situar as diferenças e nesse sentido, os resíduos revelam que os indivíduos que nunca consumiram têm uma *percepção baixa* do consumo de bebidas alcoólicas pelos pares, e os indivíduos que já consumiram apresentam uma *percepção elevada*.

Experiência de embriaguez

Na análise das variáveis percepção do consumo e ocorrência de embriaguez, o teste de diferença de proporções (χ^2) revelou uma relação estatisticamente significativa ($\chi^2_{(g=1)} = 19.11$; $p = .000$). Os resíduos ajustados revelam que os indivíduos que nunca experienciaram a ocorrência de embriaguez têm uma *percepção baixa* do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares, e os indivíduos que já experienciaram essa ocorrência apresentam uma *percepção elevada*.

Quadro 1 – Resultados da aplicação do teste do χ^2 de diferença de proporções entre a percepção do consumo e as variáveis género, grupo etário, consumo e ocorrência de embriaguez

Variáveis	Níveis de Percepção do consumo habitual pelos pares		Teste χ^2 de diferença de proporções
	Percepção Elevada	Percepção Baixa	
	nº	nº	
Género	Masculino	97 (46.0)	$\chi^2_{(g n)} = .78$ $p = .377$
	Feminino	114 (54.0)	
Grupo etário	12 -14 anos	141 (66.8)	$\chi^2_{(g n)} = 38.74$ $p = .000$
	> 14 anos	70 (33.2)*	
Consumo	Sim	174 (82.5)*	$\chi^2_{(g n)} = 41.18$ $p = .000$
	Não	37 (17.5)	
Embriaguez	Sim	50 (28.7)*	$\chi^2_{(g n)} = 19.11$ $p = .000$
	Não	124 (71.3)	

* diferenças situadas pelos resíduos ajustados

4 - Discussão

Com este estudo, pretendeu-se por um lado caracterizar o fenómeno do consumo de álcool dos adolescentes das escolas em estudo, e por outro lado, comparar o consumo de álcool, quantidade consumida e ocorrência de embriaguez com a percepção do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares, e ainda, determinar a associação entre os níveis de percepção do consumo e o género, grupo etário e consumo actual dos adolescentes.

Os resultados, indicaram que a maioria dos adolescentes da amostra em estudo, já consumiram bebidas alcoólicas (65,1%) não se tendo verificado diferenças significativas entre os rapazes e as raparigas. Estes resultados, confirmam outros já apresentados, quer em relatórios de investigação nacional acerca dos estilos de vida dos jovens portugueses (Matos *et al.*, 2003) quer na divulgação de resultados de investigações dedicadas em exclusividade ao estudo do consumo de álcool pelos jovens (Barroso *et al.*, 2000). De facto, não só os dados em relação ao consumo na generalidade parecem ser consistentes, como também os dados parcelares, relativos às diferentes variáveis que caracterizam o fenómeno, reforçam o encontrado noutros estudos. Para a maioria dos adolescentes, o primeiro consumo ocorreu em contexto familiar e/ou numa ocasião festiva; o padrão de consumo, é para a maioria dos adolescentes, ocasional e, no padrão de consumo ocasional, as bebidas de eleição foram as bebidas destiladas em detrimento da cerveja; um quinto dos adolescentes, referiram beber mais do que três copos de bebida na mesma ocasião e referiram ocorrência de episódios de embriaguez. Estes resultados, reflectem a mudança nos padrões e modos de consumo, com o

aumento do consumo de bebidas destiladas em detrimento da cerveja, e o aumento da frequência do estado de embriaguez (Barroso *et al.*, 2000; Matos *et al.*, 2003).

Os resultados deste estudo apontam para a discrepância entre a frequência do consumo real e a percepção do consumo. A maioria dos adolescentes nunca bebeu cerveja (64.4%), ou vinho (81.8%) e cerca de metade (47.7%) nunca bebeu bebidas destiladas, em contrapartida acreditam que apenas 4.6% dos pares nunca beberam bebidas alcoólicas, considerando que a maioria bebe ocasionalmente (63.1%) e que cerca de 1/3 tem consumo regular.

De modo semelhante, em relação à ocorrência de embriaguez, verificou-se que 18.8% dos adolescentes referiram esta ocorrência. Porém, a grande maioria (77.5%) acreditam que os adolescentes da sua idade já se embriagaram.

Por último, em relação à quantidade de bebida consumida por ocasião, 18.4% dos adolescentes que consomem bebidas alcoólicas referiram consumir 3 ou mais copos de bebida, todavia acreditam, que 44% dos pares quando bebem, bebem 3 ou mais copos de bebida.

Em suma, em relação à percepção do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares, verificou-se que a maioria dos adolescentes da amostra em estudo, apresentou uma percepção errónea, de clara sobrestimação da frequência do consumo, da quantidade consumida por ocasião de consumo, e da ocorrência de episódios de embriaguez entre os pares.

Os resultados mostraram uma associação significativa entre os grupos etários idade e a percepção do consumo, sendo os adolescentes mais velhos (mais de 14 anos de idade) que apresentaram tendência para nível de percepção elevado, com implicações práticas importantes, nomeadamente na identificação dos períodos críticos para o desenvolvimento das intervenções preventivas.

Os resultados, mostraram ainda que o consumo de bebidas alcoólicas e a embriaguez estão associados de forma significativa com o nível elevado de percepção do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares. A este propósito, refira-se que muitos estudos têm mostrado que a sobrestimação dos consumos dos pares é um factor predisponente ao consumo (Perkins *et al.*, 1999; Ott *et al.*, 2005; Page *et al.*, 2002; Perkins, 2007). Assim, se os adolescentes acreditarem que a maioria dos pares consome bebidas alcoólicas, bebendo vários copos de bebida na mesma ocasião e que se embriagam, estes terão tendência a perceber estes comportamentos como “normais” e, como tal, passíveis de ser imitados no sentido da conformidade ao grupo de pares.

5 - Conclusões

Embora o consumo regular não seja comum entre os adolescentes do 3º ciclo, cerca de 1/5 dos adolescentes já se embriagaram pelo menos uma vez na vida e referem o consumo de mais de três bebidas na mesma ocasião. A maioria dos adolescentes iniciou o consumo de bebidas alcoólicas em casa com a família em ocasiões festivas. Este padrão de início do consumo em contexto familiar é típico em países mediterrânicos.

Os resultados mostraram uma clara sobrestimação na percepção do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares, foram os adolescentes mais velhos, com experiência de consumo e/ou de embriaguez que manifestam tendência para apresentarem nível elevado de percepção do consumo pelos pares, não se verificando diferenças entre o género. Estes resultados, acentuam a importância do desenvolvimento dos programas de prevenção em idades precoces dirigidos a rapazes e raparigas, contingentes ao início dos consumos integrando a correcção da percepção acerca do consumo habitual de bebidas alcoólicas pelos pares. Se este componente for integrado nos programas de prevenção, os adolescentes irão constatar que a maioria dos pares realmente não bebe e que o consumo habitual é claramente uma excepção, integrando assim uma "norma" realista e seguramente mais saudável.

Apesar das limitações, no estudo só participaram os estudantes cujos encarregados de educação deram autorização expressa, o elevado número de estudantes envolvidos, permitiu-nos o refinamento do programa preventivo de uso/abuso de álcool que foi posteriormente integrado no currículo escolar na Área Projecto dos estudantes do 7ºano de uma escola pública de Coimbra.

Bibliografia

- Anderson, P. & Baumberg, B. (2006). Alcohol in Europe, A public health perspective. London: Institute of Alcohol Studies, UK.
- Barroso, T. (2000). Álcool e jovens estudantes: um estudo sobre expectativas e crenças pessoais acerca do álcool e locus de controlo. *Boletim do Centro Regional de Alcoologia Maria Lucília Mercês de Mello*, Abril IV (10), 3-8.
- Barroso, T., Barbosa, A. & Mendes, A. (2006). Programas de Prevenção do consumo de álcool em jovens estudantes: revisão sistemática. *Referência*, Dez. II (3), 33-44.
- Barroso, T., Barbosa, A. & Mendes, A. (2008). Análise do fenómeno do consumo de álcool em adolescentes - estudo realizado com adolescentes do 3º ciclo de escolas públicas de Coimbra, Portugal, no prelo in *Revista Latino Americana*.
- Barkin, S., Smith, K. S. & Durant, R. H. (2002). Social skills and attitudes associated with substance use behaviours among young adolescents. *Journal Adolescence Health*, 30, 448-454.

- Botvin, G. J. (2000). Preventing drug abuse in schools: social and competence enhancement approaches targeting individual-level etiologic factors. *Addictive Behavior*, 25(6), 887-997.
- Cardenal, C. A. & Adell, M. N. (2000). Factors Associated With Problematic Alcohol Consumption in Schoolchildren. *Journal of Adolescent Health*, 27, 425-433.
- Cuijpers P., Jonkers R., Weerdt, I. & Jong, A. (2002). The effects of drug abuse prevention at school: the 'Healthy School and Drugs' project. *Addiction*, 97 (1), 67-73.
- DuRant, R. H., Rome, E. S., Rich, M., Allred, E., Emans S. J. & Woods, E. R. (1997). Alcohol use behaviors portrayed in music videos: a content analysis. *American Journal Public Health*, 87, 1131-1135.
- (ESPAD) European School Survey On Alcohol And Other Drugs (2003). *Report Alcohol and Other Drug Use Among Students in 35 European Countries*
- Gurber, E., Diclemente, R. J., Anderson, M. M. & Lodico, M. (1996). Early drinking onset and its association with alcohol use and problem behavior in late adolescent. *Preventive Medicine*, 25 (3), 293-300.
- Grant, B. & Dawson, D. (1997). Age at onset of alcohol use and its association with DSM-IV alcohol abuse and dependence: results from the National Longitudinal Alcohol Epidemiology Survey. *Journal Substance Abuse*, 9, 103-110.
- Hansen, W. & Graham, J. (1991). Preventing alcohol, marijuana, and cigarettes use among adolescents: peer pressure resistance training versus establishing conservative norms. *Preventive Medicine*, 20, 414-430.
- Hansen, W. B. (1992). School-based substance abuse prevention: a review of the state of the art in curriculum, 1980-1990. *Health Education Research, Theory & Practice*, 7 (3), 403-430.
- (WHO) World Health Organization (2002). *Preventing of psychoactive substance use: A selected review of what works in the area of prevention*. Mental Health: Evidence and Research. Department of Mental Health and Substance Dependence.
- (WHO) World Health Organization (2004). *Global Status Report on Alcohol 2004*. Department of Mental Health and Substance Abuse, Geneva.
- Walters, S. T. & Neighbors, C. (2005). Feedback interventions for college alcohol misuse: What, why and for whom? *Addictive Behaviours*, 30: 1168-1182.
- Matos, M G & Equipa do Projecto Aventura Social e Saúde (2003). *A saúde dos adolescentes portugueses (quatro anos depois)*. Relatório Português Estudo HBSC. Lisboa: FMH.
- Ott, C. H. & Doyle, L. H. (2005). An Evaluation of the Small Group Norms Challenging Model: Changing Substance Use Misperceptions in Five Urban High Schools. *The High School Journal*, 88(3), 45-55.
- Page, R.M., Hammermeister, J. & Roland, M. (2002). Are high school students accurate or clueless in estimating substance use among peers? *Adolescence*, 37, 567-572.
- Paglia, A. & Room, R. (1999). Preventing substance use problems among youth: A Literature Review and Recommendations. *Journal of Primary Prevention*, 20 (1), 3-50.
- Perkins, H. W., Meilman, P. W., Leichter, J. S., Cashin, J. R. & Presley, C. A. (1999). Misperceptions of the Norms for the Frequency of Alcohol and Other Drug Use on College Campuses. *Journal of American College Health*, 47, May, 253-258
- Perkins, H. W. (ed.) (2003). *The Social Norms Approach to Preventing School and College Age Substance Abuse*. A Handbook for Educators, Counselors, and Clinicians, San Francisco: Jossey-Bass.

- Perkins, H W. (2007) Misperceptions of peer drinking norms in Canada: Another look at the “reign of error” and its consequences among college students, *Addictive Behaviors*, 32 (11), 2645-2656.
- Komro K.A. & Toomey, T.L. (2002). Strategies to prevent underage drinking. *Alcohol Research & Health*, 26 (1), 5-14.
- Taylor, B. J. (2000) Modelling prevention programs effects on growth in substance use: analysis of five years of data from Adolescent Alcohol Prevention Trial. *Prevention Science*, 1, 183-197.
- Vicary, J. R. & Karshin, C. M. (2002). College Alcohol Abuse: A review of the Problems, Issues, and Prevention Approaches. *Journal of Primary Prevention*, 22 (3), 299-330.
- Zeigler, D. W., Wang, C. C., Yoast, R. A., Dickinson, B. D., McCaffree, M. A., Robinowitz, C. B. & Sterling, M. L. (2005). The neurocognitive effects of alcohol on adolescents and college students. *Preventive Medicine*, 40, 23-32.

My colleagues drink alcohol? Alcohol consumption among adolescents and evaluation of their perceived norms of peer alcohol consumption – a study conducted with students from state-run middle schools in Coimbra

International studies have consistently demonstrated that adolescents overestimate peer alcohol consumption and that this misperception is predictive of individual consumption. This study was developed in order to characterise alcohol consumption and the perception of peer consumption of adolescents from state-run middle schools in the city of Coimbra. It was used to improve a programme for the prevention of alcohol use/abuse. The sample included 654 adolescents (51.5% female gender). The results demonstrated a clear overestimation of the perception of peer consumption. Older adolescents, with experience of consumption and/or intoxication, have a tendency to present a high level of perception of peer consumption. No gender differences were registered. These results consolidate the importance of integrating the correction of the perceptions regarding peer consumption into programmes of prevention of alcohol use/abuse.

KEY-WORDS: adolescents; alcohol; perception of peer consumption.

Mes collègues boivent de l'alcool ? Consommation d'alcool et perception de la consommation perception chez les adolescents - étude réalisée avec des étudiants de la 3^o cycle d'écoles publiques de Coimbra

Les études internationales ont solidement montré que les jeunes surestiment la consommation d'alcool des paires, et que cette perception erronée est prédictive de la consommation individuelle. Cette étude a été développé avec l'objectif

de caractériser la consommation d'alcool et la perception de la consommation des paires des adolescents de la 3^e cycle de deux écoles publiques de la ville de Coimbra, pour le raffinement d'un programme de prévention d'utilisation/abus d'alcool. L'échantillon a inclus 654 adolescents (51,5% sexe féminin). Les résultats ont montré une claire surestimation dans la perception de la consommation des paires. Ce sont les adolescents le plus vieux, avec expérience de consommation et/ou d'ivresse qui manifestent tendance pour présenter niveau élevé de perception de la consommation des paires, non si en vérifiant des différences entre le genre. Ces résultats consolident l'importance d'intégrer la correction des perceptions concernant la consommation des paires dans les programmes de prévention d'utilisation/abus d'alcool.

MOTS-CLÉS: adolescents, alcool ; perception de la consommation des paires